

Breve análise do sistema de arte impressa brasileiro

Brief analysis of the Brazilian printed art system

MELODI FERRARI

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo SP, Brasil

RESUMO

O fenômeno recente do surgimento de feiras de arte impressa, pós década de 2010, no Brasil e em outros países ocidentais, cria um sistema da arte que funciona de forma distinta do grande circuito internacional de galerias comerciais consolidadas no mercado de arte. Assim sendo, esse artigo busca identificar os agentes desse setor através do mapeamento da circulação de arte impressa no país, da apresentação de conceitos básicos sobre mercados e legitimação da arte através de uma perspectiva da sociologia da arte focada nesse subsistema de arte impressa, conceito criado pela autora.

PALAVRAS-CHAVE

Arte impressa, arte contemporânea, feira de arte impressa, feira de publicação de artista, circulação de arte.

ABSTRACT

The recent phenomenon of print art fairs, post 2010, in Brazil and in other occidental countries, creates an art system that works in a distinct manner to the big international art circuit of consolidated commercial galleries in the art market. Therefore, this article aims to identify the agents of this sector through mapping of the circulation of printed art in Brazil, as well as introduce the basic concepts about art markets and the legitimization of art through a sociological perspective of art, focused in this subsystem of print art, a concept developed by the author.

KEYWORDS

Print art, contemporary art, print art fair, art market.

As feiras de arte impressa, nos últimos 10 anos, vêm tendo um destaque no cenário da arte contemporânea. A fim de demonstrar esse fenômeno, realizei uma pesquisa que demonstra em números o crescimento de eventos dedicados ao tema e consequentemente a ampliação da produção de arte impressa e dos seus públicos. Com isso, apresento neste artigo uma análise de onde se localiza esse segmento dentro das artes visuais, as características da arte impressa e suas formas de circulação. Com o aumento dos estudos sobre mercado da arte no âmbito acadêmico dedicados às grandes feiras, aos fenômenos que relacionam arte e mídia de massa e aos “artistas *best sellers*”, surge também a necessidade de se pensar os outros mercados (MOULIN, 2007) que compõem o sistema da arte contemporânea, seus desdobramentos e conexões. Além disso, busco uma aproximação do campo das artes visuais com a economia da cultura, pois entendo que não há como pensar um sistema da arte autônomo e sem um contexto específico.

Os primeiros estudos da sociologia aplicada ao contexto da cultura foram realizados por Pierre Bourdieu. O autor é ponto de partida para compreender as disputas e relações de poder que se estabelecem no meio. Para isso, ele sugere o conceito de autonomia do campo artístico para explicar o processo de valoração da obra de arte, que não estaria na produção da obra em si, mas sim na crença do valor da obra, validada por agentes especializados e detentores de capital simbólico.

Apesar de alguns pontos serem visíveis até hoje, o sistema da arte muda conforme novas variantes surgem. Canclini (2010), afirma que o modelo proposto por Bourdieu só funcionava em um contexto em que se podia analisar os movimentos da arte como parte de um projeto de Estado Nacional. Sendo assim, a autonomia do campo da arte em um mundo globalizado não existe, primeiro, porque há barreiras sociais e políticas externas que interferem na cultura, e segundo, porque o modelo econômico neoliberal coloca em cheque a legitimação das instituições. Sem o Estado para regulamentar não há como garantir o interesse público das ações propostas.

A socióloga Raymonde Moulin (2007), ao analisar o contexto francês, apresenta definições importantes para a compreensão do sistema da arte atual. A autora entende que existam dois mercados de arte: *mercado de arte classificada*, que abrange as obras historicamente datadas, como arte antiga ou moderna; e o *mercado de arte contemporânea*, que interessa para essa pesquisa. Esse mercado possui um papel complexo dentro da lógica do sistema da arte, pois sua instância, representada em sua maioria pelas galerias de arte, controla a produção, a circulação e a crítica de arte.

A pesquisadora Ana Letícia Fialho apresenta algumas análises sobre o contexto brasileiro. Para ela, a partir dos anos 2000, o sistema da arte contemporânea no país viveu um período positivo em que se observou o surgimento de novas instituições museológicas, o aumento do número de galerias e exposições, assim como o crescimento do volume de negócios gerados pelo mercado da arte. Essa expansão repercutiu não apenas internamente, como deu visibilidade aos nossos artistas no exterior. Esse cenário se manteve até 2014, quando a instabilidade política e a estagnação da economia afetaram fortemente o campo da cultura (FIALHO, 2017). Ao meu ver, alguns fatores podem explicar esse fenômeno: a mudança da concepção de cultura proposta pelo ministério

da cultura e as políticas públicas desenvolvidas pelo governo do Partido dos Trabalhadores e o contexto econômico favorável que o país vivenciava.

As instâncias de legitimação do sistema da arte contemporânea, segundo Moulin (2007), são: *produção artística, reflexão crítica* (história da arte, crítica e curadoria), *institucional* (museus e bienais) e *mercado* (feiras, galerias, casas de leilão e plataformas digitais). Sendo que as últimas duas fazem parte do âmbito da circulação da arte. Os agentes dentro desse sistema são interdependentes e podem adquirir diferentes posições nas variadas instâncias.

Todas as instâncias são inter-relacionadas e são importantes no processo de legitimação da arte. Contudo, a dinâmica de funcionamento de cada uma depende do contexto analisado e também de fatores macro determinantes, exógenos ao sistema da arte, como por exemplo as instabilidades da economia. Pensando mais especificamente no sistema brasileiro, o seu equilíbrio depende da definição de políticas públicas que fomentam o setor e incentivam a participação de um mercado de iniciativa privada, porém, o que observamos é uma diminuição das instâncias institucionais e críticas. Fialho explica que o mercado conquistou, na última década, papel estruturante no sistema da arte contemporânea brasileira, pois o investimento estatal diminui a partir de 2014, fazendo com que galerias e colecionadores se tornem os incentivadores financeiros dos artistas evidenciando um claro desequilíbrio entre as instâncias de legitimação. A falta de investimentos nesses últimos quatro anos talvez nem sejam o ponto mais preocupante, ainda mais grave é o desmonte de programas e políticas consolidadas e da censura à cultura que observamos no último ano.

A pesquisa setorial *Latitude*, sobre o mercado de arte contemporânea no Brasil¹, publicada em 2015 e organizada por Fialho, demonstra o crescimento do mercado de galerias de arte entre 2010 e 2013 acima de 20% ao ano, além do aumento significativo em vendas de obras de arte. É nesse período que as feiras de arte impressa surgem no país, porém, o maior número de novas feiras cresce exponencialmente a partir de 2015 (TABELA 1). Então, se analisarmos paralelamente o cenário da arte contemporânea com o das artes impressas, podemos dizer que eles são inversos.

O mercado de arte contemporânea é voltado para a obtenção de lucros e capital simbólico, já o mercado de arte impressa não obedece a mesma lógica; ele é autônomo e pode ser compreendido como uma reação à crise financeira, onde artistas e agentes do sistema criam seus próprios meios de circulação. Não podemos excluir a venda das obras como uma premissa, contudo mais do que a obtenção de lucro, os artistas participam pelas trocas entre os seus pares e os públicos que frequentam as feiras de arte impressa.

1 Segundo Fialho, “o universo contemplado pela pesquisa era composto por cerca de 50 galerias de arte contemporânea que fazem parte da ABACT (Associação Brasileira de Arte Contemporânea). Trata-se, portanto, de uma fração do mercado, onde o mercado secundário não está representado, nem o primário em sua totalidade.” (2017, p.383). O mercado primário é composto por galerias de arte que fazem a representação de artistas, contribuindo para a consolidação de suas carreiras e legitimação. Sendo assim, a venda de obras é somente parte do processo. O mercado secundário é composto por casas de leilões, que revendem obras já em circulação no mercado.

Ano	Feiras de Arte Impressa
2009	1
2010	0
2011	0
2012	2
2013	2
2014	6
2015	10
2016	15
2017	19
2018	24
2019	24

TABELA 1 - Número de feiras de arte impressa criadas por ano no Brasil

FONTE: pesquisa da autora

Contudo, devemos analisar com cautela o mercado de arte impressa, pois seu crescimento é irregular, dada a precariedade de investimentos e recursos, características próprias de sua natureza autônoma. Com a acentuada crise econômica, o número de feiras de arte impressa caiu no último ano (TABELA 2) e alguns dos principais nomes como a Feira Plana (SP) e a Parada Gráfica (RS) não realizaram edições em 2019.

Ano	Número de feiras
jun-dez 2016	18
2017	40
2018	53
2019	50

TABELA 2 - Número de edições de feiras de arte impressa por ano no Brasil

FONTE: pesquisa da autora

A pesquisa está em andamento, mas um dos próximos passos é entender quais são os meios de financiamento das principais feiras de arte impressa para tentar estabelecer a relação entre a participação de políticas e fomentos públicos em suas edições. Uma das minhas hipóteses é que as feiras de arte impressa que possuem financiamento público, seja através de editais ou lei de incentivo, diminuiriam suas edições a partir de 2018, dada a crise econômica brasileira e os sucessivos cortes ao setor cultural. Enquanto as feiras de arte impressa produzidas com iniciativa privada, ou seja, organizadas e financiadas pelos próprios produtores e expositores, aumentaram no período. Sendo assim, primeiro iremos observar as particularidades da arte impressa para poder entrar mais a fundo na análise de dados apresentada pela autora.

A arte impressa

A arte impressa não possui uma definição simples, pode abranger diversas técnicas artísticas como a publicação de artista, o livro de artista, a fotografia, o *fotolivro*, a gravura, a impressão, a colagem, etc. Ou seja, seu suporte é normalmente o papel e uma característica fundamental é sua possibilidade de ser múltipla, seriada, isso faz com que seu valor de venda normalmente seja mais acessível e sua produção de baixo custo, facilitando a circulação.

Utilizarei o modelo proposto por Moulin (2007) para analisar o sistema de arte impressa, nele as instâncias terão importâncias diferentes: a *produção* e a *circulação* são interdependentes e possuem mais visibilidade que a *institucional* e a *reflexão crítica*. Assim, apesar de estar vinculado ao sistema de arte contemporânea, o *subsistema da arte impressa* – denominação que utilizo a partir de agora – não pode ser considerado um sistema independente, pois possui algumas características semelhantes a arte contemporânea e muitos agentes transitam entre suas instâncias.

A *produção* da arte impressa pressupõe uma prática coletiva. Para além da cooperação e das redes de artistas que se estabelecem na área, a produção técnica da arte impressa historicamente foi ensinada em ateliês gráficos que possuem professores especializados e maquinário específico. Até hoje, ateliês compartilhados existem para essa função, desde a impressão, quanto a finalização como a encadernação. Além disso, a disseminação e a profissionalização do setor foram construídas a partir das redes que se estabelecem entre os agentes do campo, através de encontros e cursos muitas vezes organizados pelas próprias feiras.

Também importante falar sobre a existência de editoras independentes que publicam somente trabalhos artísticos inéditos e com baixa tiragem, elas constituem um perfil específico de expositor que não encontra espaço nas tradicionais Feiras do Livro e que acabam compondo uma parcela importante da produção das feiras de arte impressa.

Importante explicar que apesar dessa noção de coletivo, esses artistas adquirem vários papéis dentro da cadeia de produção da arte impressa. Utilizarei o conceito artista-etc de Basbaum (2013) para caracterizar essa especificidade de produção em que o artista também é seu próprio editor, encadernador, impressor e ainda curador e produtor das próprias feiras. Esse fato se dá em parte pela complexidade do sistema da arte contemporânea, mas também pela sua precarização no país. Porém, na arte impressa, o artista-etc toma para si a instância de *reflexão crítica* quando atua como produtor das feiras, papel que lhe é negado dentro do sistema da arte tradicional onde as galerias ainda comandam o mercado.

A *reflexão crítica* é uma instância que precisa ser mais explorada dentro da arte impressa. Não existem críticos ou historiadores da arte que se dediquem exclusivamente ao tema, tornando a bibliografia dentro do campo da arte escassa². Há pesquisas que abordam a arte gráfica e coletivos

2 Além de Grigolin (2015), recentemente conheci a pesquisa de doutorado em Antropologia e Sociologia Urbana de Nathanael Araújo da Silva pela Universidade Estadual de Campinas, em andamento, a dissertação de Flavia Denise Magalhães, *Feira de Publicações Independentes: uma análise da emergência desses encontros em Belo Horizonte (2010-2017) e dos eventos Faísca e – Mercado Gráfico e Textura (2017-2018)*, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e a tese do sociólogo José de Souza Muniz Júnior, *Girafas e Bonsais: editores “independentes” na Argentina e Brasil (1991-2015)* apresentada no Programa de Pós-Graduação

de artistas que se consolidaram através dela. Sendo assim, a instância da *reflexão crítica* está vinculada à *circulação* que acontece nas feiras e encontros dedicados ao tema, vários materiais são escritos e publicados nos próprios sites e blogs das feiras e editoras.

A instância *institucional* é composta em sua maioria por galerias, centros culturais e espaços autônomos de arte que sediam esses encontros. Apesar disso, a pesquisadora Fernanda Grigolin (2015) identifica duas instituições que possuem acervo dedicado às artes impressas: a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte e a Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo. Alguns museus incorporam em suas coleções o desenho e a gravura, técnicas consolidadas no meio artístico. Contudo, a arte impressa devido a sua reprodutibilidade, ainda é vista como tendo menos valor em relação às técnicas tradicionais como pintura e escultura, inclusive menor valor de venda.

Assim como Fialho afirma que o mercado adquire um papel estruturante no sistema da arte contemporânea, o mesmo pode ser dito do subsistema da arte impressa. Existem colecionadores especializados no tema que frequentam as feiras de arte impressa para adquirir obras. Na pesquisa, identifiquei também galerias em São Paulo e nas principais capitais do país dedicadas ao tema, assim como algumas específicas de fotografia. Esses lugares acabam criando suas próprias feiras de arte impressa, como veremos a seguir.

As feiras de arte impressa

Segundo o modelo de análise de sistema da arte proposto por Moulin (2019), a feira de arte é uma das plataformas da instância do mercado e possui papel importante na circulação da arte contemporânea. Bruna Fetter (2013) defende a feira de arte como uma plataforma comercial e institucional, um evento temporário que possui como principal objetivo a comercialização de arte, mas que também envolve trocas simbólicas, permitindo assim a legitimação do artista. A pesquisa de Fetter se debruça sobre feiras como a SP-Arte e ArtRio, que comercializam artistas reconhecidos no mercado de arte e que são representados por galerias tradicionais. Além disso, compreendo a feira de arte como uma plataforma expositiva, cuja participação do artista se torna importante no seu processo de legitimação dentro do sistema da arte.

As feiras de arte impressa possuem semelhanças com as feiras de arte, isso significa que essas também podem ser classificadas como um evento temporário com objetivo de venda de obras de arte. Contudo, por estarem dentro de um subsistema da arte contemporânea, possuem algumas particularidades.

Quanto a organização: as feiras de arte impressa se estabelecem de forma orgânica, através da reunião da comunidade artística de uma determinada região, por iniciativa dos próprios artistas ou de produtores locais. Ou seja, a feira de arte impressa é autônoma, pode ser com financiamento público ou privado e não está vinculada aos interesses de uma instituição ou de seus dirigentes. Normalmente o investimento para a organização da feira vem de uma pequena taxa

em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Contudo, esses três trabalhos citados analisam as feiras de arte sob uma ótica do campo da sociologia ou da literatura.

de inscrição paga pelos artistas – em torno de 50 a 100 reais. Para participar os artistas enviam portfólio e são selecionados por um comitê organizador. Muitas vezes, a primeira exposição de um artista em início de carreira acontece através da participação das feiras de arte impressa. Ele começa expondo nas feiras menores até ser selecionado para uma das feiras maiores, tornando o processo de legitimação muito similar ao da arte contemporânea.

Em 2016, o Projeto Publicadores³, idealizado pela Tenda de Livros, Edições Aurora e Zerocentos Publicações, realizou uma série de encontros com artistas e produtores de arte impressa. Os resultados podem ser conferidos na publicação *Entre, à Maneira de, Junto a Publicadores*. Nesse documento estão registrados os resultados da pesquisa sobre o cenário da publicação independente na América Latina, foram coletadas 310 respostas (82,6% de publicadores brasileiros) e a partir desses dados podemos perceber que o perfil do artista no mercado de arte impressa é muito semelhante ao da arte contemporânea: branco (68%) e heterossexual (70%); contudo, chama atenção que há um equilíbrio do número de mulheres (51%).

A concentração de publicadores está nas cidades onde mais existem feiras de arte impressa (com exceção de Pernambuco): São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná e Brasília. Quando questionados sobre a participação em feiras de arte impressa, a maioria respondeu que elas são o principal meio de circulação de seus trabalhos e a maioria tenta participar de diferentes feiras e edições por ano.

Outra configuração distinta das grandes feiras é o espaço para expor: enquanto em feiras regulares os estandes são vendidos por metro quadrado (seguindo a lógica espacial de feiras de outras áreas como imóveis, carros, etc.) nas feiras de arte impressa há somente uma mesa por artista e, às vezes, a parede atrás dessa estrutura. O valor do produto nesse caso também se diferencia, por vezes não há venda do original e sim de cópias seriadas, sem molduras, que viabilizam o produto para o consumidor final. Os preços e as obras ficam todos expostos, aproximando o diálogo e a venda, em um modelo completamente reverso ao de uma galeria de arte convencional. Uma das premissas das feiras de arte impressa foi justamente tornar a arte acessível, tanto na relação entre artistas e públicos, quanto no valor de venda da obra. A transparência de valores ainda é um tabu dentro do mercado de arte contemporânea, talvez esse seja um quesito fundamental para a ampliação de públicos.

Segundo Canclini (2010), na era da arte pós-autônoma, meados da década de 1990 até então, a visita ao museu ou galeria seria motivada por um fator midiático, onde o público iria pela distinção simbólica. Além disso, o autor comenta sobre as lojas de museus, onde a imagem da obra de arte se transforma em fetiche através da venda do *souvenir*. Entendo que o público que frequenta a feira não esteja tão interessado na distinção, mas sim, no contato direto com o artista e na possibilidade de possuir uma obra de arte. A negociação dos valores se faz frente a frente e a obra é adquirida no ato a um preço muito mais acessível ao do mercado da arte contemporânea. Além disso, normalmente não há cobrança de ingresso para acesso, como acontece nas feiras de

3 Mais informações na website: <https://projetopublicadores.wordpress.com/>

arte onde o ingresso pode chegar a 40 reais por pessoa⁴. Assim, poderíamos dizer que as feiras de arte impressa proporcionam a descentralização da arte e a ampliação dos públicos que implica em um aumento do próprio mercado, fazendo o número de feiras crescer exponencialmente, como observamos na Tabela 1.

Para compreender esse mercado através de dados, realizei um mapeamento e identifiquei 116 feiras de arte impressa⁵ diferentes no país, fiz um recorte sobre feiras que realizaram edições de junho de 2016 a junho de 2020⁶ (TABELA 3). Situadas principalmente nas regiões sul e sudeste. A capital que concentra a maior incidência de feiras é São Paulo, igual ao mercado de arte contemporânea. Entre os principais nomes estão, em São Paulo, a Feira Tijuana (2009), Feira Plana (2013), Miolo(s) (2014), em Porto Alegre, Parada Gráfica (2013), em Brasília, Motim (2014) e Dente (2015), em Santa Catarina, Parque Gráfico (2015).

Região	Estado	Nº de feiras	%	% por região
Sudeste	São Paulo	45	39%	65%
	Rio de Janeiro	16	14%	
	Minas Gerais	14	12%	
Sul	Rio Grande do Sul	15	13%	26%
	Paraná	8	7%	
	Santa Catarina	4	4%	
Nordeste	Ceará	1	1%	6%
	Bahia	3	3%	
	Rio Grande do Norte	1	1%	
	Paraíba	1	1%	
Centro-Oeste	Distrito Federal	3	3%	4%
	Goiás	1	1%	
Norte	Pará	2	2%	2%

TABELA 3 - Número de feiras de arte impressa por região

FONTE: pesquisa da autora

Em entrevista para a pesquisadora Fernanda Grigolin (2015), a coordenadora da feira Tijuana, Ana Luisa Fonseca, explica que a Tijuana nasce idealizada pela Galeria Vermelho em parceria com o Centre National de L'Édition et de L'Art Imprimé (CNEAI, França), na qual algumas editoras de livro de artista foram escolhidas para participar. A primeira edição ocorreu na própria galeria, em 2009.

4 Valor referência da última edição da SP-Arte em 2019.

5 Foram excluídas da pesquisa feiras literárias e de poesia por entender que fazem parte de outro mercado.

6 Os dados foram coletados através da planilha coletiva disponibilizada no grupo do Facebook "Calendário de Feiras de Publicações Independentes e Arte Impressas", criado em 2017, por Ana Paula Francotti, a fim de dar visibilidade aos eventos de arte impressa.

Na época, existiam pouquíssimas editoras de livro de artista, conta Ana Luisa Fonseca, coordenadora da feira. Dessa edição participaram editoras como a pioneira Par(ent)esis (Florianópolis) e a Cosac Naify (São Paulo), com uma linha especial de livros de artista. Além delas participaram do Salon Light / Flores e Livros as editoras La Silueta, Tangrama (Colômbia), L'Endroit, Incertain Sens e Onestar Press (França). (GRIGOLIN, 2015, p.59)

Ana Luisa Fonseca explica que conforme as edições foram ocorrendo, o número de expositores foi aumentando (GRIGOLIN, 2015), isso evidencia o mercado latente de arte impressa e explica o número crescente de feiras que surgiram pós criação da Tijuana, em 2009. Além disso, as principais feiras hoje ocorrem de forma descentralizada, em diferentes locais e regiões, como é o caso da Tijuana que realiza edições no Rio de Janeiro, em Lima e em Buenos Aires.

Atualmente, a Tijuana não se caracteriza somente como uma feira, de acordo com sua website⁷ “a Tijuana é uma manifestação cultural, um encontro de apresentação, distribuição e comercialização de publicações, livros de artista, gravuras, pôsteres”. Ou seja, para além da venda e da divulgação do trabalho artístico, as feiras funcionam como redes que estabelecem conexões entre os agentes do sistema. Ela é um ponto de encontro, uma plataforma, onde os públicos interagem consolidando o próprio sistema como instância também de reflexão crítica.

Canclini além de pensar em uma pós-autonomia do campo, defende o conceito de *socialização da arte* através da ampliação de oportunidades do público se iniciar no fazer artístico. Para que isso ocorra, há a necessidade de que haja uma mudança nas instituições formadoras de artistas, a inserção de uma crítica em todas instâncias de produção e circulação da arte e, por fim, a construção de canais alternativos de produção e circulação. A feira de arte impressa se insere nesse conceito, pois cria novos modelos de difusão da arte, de forma horizontal e democrática, possibilitando a expansão de públicos através do contato com os artistas.

Algumas considerações

As redes sociais e a internet são fundamentais para a consolidação desse subsistema de arte impressa, pois é a partir dela que os eventos podem ser difundidos, sem que haja a necessidade da grande mídia para a divulgação. Aliás, o próprio mapeamento das feiras de arte impressa não seria possível sem a existência do Facebook, onde coletei e verifiquei as informações dessa pesquisa. Com essa ferramenta e através do seu algoritmo foi possível obter dados de quando as feiras foram criadas, quando realizaram seus eventos, em que cidades e regiões se localizam. A criação dessa comunidade digital teve papel fundamental na ampliação de públicos criadores e consumidores, pois além das feiras, cursos e encontros foram organizados permitindo aos agentes a conexão com seus pares.

Ainda não se consegue medir o impacto que o isolamento social em função da pandemia do Covid-19 terá no sistema de arte impressa, mas analisando os dados, pode-se dizer que sem

7 Disponível em <https://cargocollective.com/tijuana/>

as edições presenciais muitas feiras deixarão de existir. Algumas estão pensando na viabilidade de realização de suas edições em plataformas online, assim como muitos artistas criaram lojas virtuais ou estão vendendo pelas redes sociais. Contudo, acredito que o contato presencial e algumas limitações referentes a custos de frete e taxas das plataformas podem ser empecilhos quanto a venda online. Além disso, o produto artístico quando visualizado através de telas perde sua essência principal, o manuseio. Essas questões ainda estão sem respostas, mas com certeza teremos uma reconfiguração do sistema da arte mediada pela impossibilidade do contado diante da quarentena e o avanço das tecnologias digitais.

Referências

BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc.** São Paulo: Azougue Editorial, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença:** contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte.** São Paulo: Cia. das Letras, [1995] 2010.

CANCLINI, N. G. **La sociedad sin relato.** Madrid: Katz Editores, 2011.

<https://doi.org/10.2307/j.ctvm7bcb0>

FETTER, B. W. **Narrativas Conflitantes e Convergentes:** as feiras e os ecossistemas contemporâneos da arte. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS. Porto Alegre: 2016.

FIALHO, A. L. O mercado, os artistas, os colecionadores e as instituições. **OuvirOUver**, v.13, nº2, 2017. Acesso disponível em <https://doi.org/10.14393/OUV21-v13n2a2017-3>

FIALHO, A. L. **Mercado de Arte Global, Sistema Desigual.** Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC, São Paulo, nº9, dezembro, 2019.

GRIGOLIN, Fernanda. **A fotografia no livro de artista em três ações:** produzir, editar e circular. Dissertação - Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

MOULIN, R. **O mercado da arte:** mundialização e novas tecnologias. Porto Alegre: Zouk, 2007.

Sobre a autora

Mélodi Ferrari tem mestrado em História da Arte pela USP; graduação em História da Arte (2018/2) e Comunicação Social (2012/1), e especialização em Economia da Cultura (2015/1), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem pesquisa publicada sobre Políticas Culturais em Museus. Trabalhou no núcleo de curadoria do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) durante dois anos, com experiência em acervo, montagem e desmontagem de exposições. Foi curadora de exposições no MARGS, Instituto de Artes Visuais do RS, Instituto de Artes da UFRGS e Pinacotecas da Prefeitura de Porto Alegre. Pesquisa os acervos de arte de Porto Alegre através do projeto Mulheres Nos Acervos. Coordenou o projeto educativo da exposição Estratégias do Feminino no Farol Santander Porto Alegre. Participou de júris de seleção como Ocupação Linha 2019 e Concurso de Arte Impressa Instituto Goethe 2020. Faz parte do comitê curatorial Fundação Ecarta 2020. É sócia e produtora da Papelera – Feira de Artes Gráficas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1025084619293288>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-9575-7051>

Recebido em: 15-09-2020 / Aprovado em: 10-11-2020

Como Citar

FERRARI, MÉLODI (2020) Breve análise do sistema de arte impressa brasileiro. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.1, n.2, p.107-117, jul./dez. 2020. <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57318>



A revista Estado da Arte está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.